

## PERSPECTIVA CRÍTICA DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA<sup>1</sup>

Carla Chagas Ramalho,

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

José Jairo Vieira,

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

### RESUMO

*Neste trabalho nosso objetivo central é relacionar a perspectiva crítica de gênero com as pesquisas na área da Educação Física. Utilizamos a metodologia de revisão bibliográfica. Concluímos que muitas pesquisas na área negligenciam a conceituação de gênero e uma limitação da perspectiva crítica. Sugerimos que os trabalhos devem ter uma conceituação mais definida como também devemos ter uma visão crítica para ampliarmos as possibilidades de romper com as opressões de gênero e as demais.*

*PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Gênero; Perspectiva Crítica.*

### INTRODUÇÃO

Consideramos que vivemos num sistema capitalista que nos oprime a todo o momento em prol da nossa possibilidade de exploração do trabalho (CISNE, 2018). As relações de opressões de gênero são interligadas com essas demandas desse sistema econômico, político e social de forma intrínseca, hiper relacional, aonde as suas similaridades se unem num mesmo propósito: a exploração de classes consideradas mais fracas pela classe vista como mais forte.

No ambiente da Educação Física estas ações também são pertinentes e, muitas vezes, naturalizadas e fomentadas. Como já foram apreciadas em diversas pesquisas, as relações de gênero estão presente nas aulas de Educação Física (BRITO, 2020; GOELLNER, 2000; ALTMANN, 2015). Assim, neste trabalho temos como objetivo relacionar a perspectiva crítica de gênero com as pesquisas na área da Educação Física. Buscamos trazer um mapeamento quantitativo da realidade no campo de pesquisa da área.

### VISÃO CRÍTICA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Esta visão crítica de gênero aparece em diversos contextos sociais, o que é pertinente às “naturalizações capitalistas” (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019), ela pode

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



ser retrata como relações explícitas (violência física, por exemplo) como também nas demandas naturalizadas e naturalizantes durante o nosso cotidiano (ter o trabalho doméstico dito como feminino). A forma de ver a exploração relacionada a gênero como algo imutável e natural fomenta a interseção com a mesma necessidade do capitalismo de parecer natural e necessário.

Wood (2017) nos mostra como essa falsa sensação de imutabilidade do capitalismo reforça a aceitação da exploração por cidadãos e cidadãs envolvidos(as) no processo, ou seja, se não temos outra possibilidade de sistema, temos que conviver com essa exploração da melhor forma possível. Este consentimento exploratório torna-se tão naturalizado e mais eficaz do que processos que são abertamente coercitivos e que trazem a escravidão e as penalidades como centro gerador de controle social.

Esta mesma lógica é utilizada nas relações de gênero, onde a arena reprodutiva se torna centro do processo, mas de forma que busca ser tão naturalizada, que é, muitas vezes, inquestionável.

Gênero é uma forma específica de corporificação social. A característica distintiva do gênero é que este se refere a estruturas corporais e processos ligados à reprodução humana. Gênero envolve um conjunto de práticas sociais humanas – incluindo cuidados com crianças, parto, interação sexual – que mostram as capacidades de corpos humanos de parir, dar leite, dar e receber prazer sexual. Só podemos começar a entender o gênero se compreendermos o quão próximo os processos sociais e corporais se encontram. Nascemos em sangue e dor e nascemos em uma ordem social. (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 113)

Logo, há uma constante interseção das relações de gênero com as demandas capitalistas, onde os valores exploratórios são enaltecidos para naturalizar a exploração e opressão. Porém, é importante nos atentarmos que as coações de gênero não nasceram única e exclusivamente com o capitalismo e, dificilmente, se encerrarão como mágica na modificação do sistema econômico, político e cultural (CONNELL; PEARSE, 2015). Sendo fundamental entendermos que a manutenção do sistema capitalista obrigatoriamente repercute nas coerções de gênero.

Por razões sistêmicas, o capitalismo sempre criou classes de seres humanos racializados, que têm sua pessoa e seu trabalho desvalorizados e submetidos a expropriação. *Um feminismo que é verdadeiramente antirracista e anti-imperialista também deve ser anticapitalista.* (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 78)





Assim, ao falarmos de igualdade de gênero, igualdade de oportunidade, sociedade justa torna-se balizar mencionarmos e recorrermos para uma construção social onde essas igualdades possam efetivamente existir e não para uma sociedade onde sua essência encontra-se na desigualdade e na subordinação de algumas pessoas em prol de outras. Logo, afirmamos que para falarmos de igualdade de gênero temos que nos posicionarmos como anticapitalistas.

### EDUCAÇÃO FÍSICA E A VISÃO CRÍTICA DE GÊNERO

A Educação Física possui diversas formas de abordagens e tendências, há uma variação de objetivos centrais que se situam desde a projeção de movimentos técnicos como aprendizado das funções psicomotoras, por exemplo. “Atualmente coexistem na área da Educação Física várias concepções, todas elas tendo em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista, fruto de uma etapa recente da Educação Física.” (DARIDO, 2005, p. 05)

Especificamente, a Educação Física anticapitalista é vista na abordagem conhecida como crítica superadora, mas não é a única que relata trabalhar com a redução ou ruptura das desigualdades sociais. Acreditamos que por este motivo, a temática de gênero tem sido apreciada em alguns trabalhos e estudos da área de Educação Física. Mas, nos perguntamos sobre qual vertente as relações de gênero vem sendo atribuída a esses estudos? A visão crítica/anticapitalista se faz presente? Por este motivo recorreremos às plataformas de buscas para tentarmos sanar essas dúvidas.

Realizamos buscas por trabalhos acadêmicos de 2015 até a presente data<sup>2</sup>, utilizamos três plataformas disponíveis na Internet: Google Acadêmico; Capes; Scielo. Realizamos três buscas, a primeira com os descritores: “Gênero” e “Educação Física”; a segunda com os descritores: “Gênero”, “Educação Física” e “capitalista”; e a terceira: “Gênero”, “Educação Física”, “capitalista” e “anticapitalista”. Procuramos por essas palavras em todos os campos de busca. Expressamos os resultados na tabela abaixo:

<sup>2</sup> A pesquisa foi realizada em junho de 2021



	“Gênero” e “Educação Física”	“Gênero” e “Educação Física” “capitalista”	“Gênero” e “Educação Física” “anticapitalista”
Scielo	50	0	0
Capes	544	33	2
Google Acadêmico <sup>3</sup>	15.7000	14.700	323

Fonte: Elaboração própria

De forma comparativa, e para buscar tornar a nossa pesquisa o mais ampla que a possibilidade dessas linhas nos permite, realizamos outra busca com o descritor “pós-estruturalista”, que é designado para outra linha de pensamento que conceitualmente se contrapõe a perspectiva crítica. Vejamos os resultados:

	“Gênero” e “Educação Física”	“Gênero” e “Educação Física” “capitalista”	“Gênero” e “Educação Física” “anticapitalista”	“Gênero” e “Educação Física” “pós- estruturalista”
Scielo	50	0	0	1
Capes	544	33	2	15
Google Acadêmico <sup>4</sup>	15.7000	14.700	323	2.040

Fonte: Elaboração própria

Sabemos que há limitações na pesquisa realizada, julgamos necessário o alerta para os resultados não serem vistos sem um critério analítico maior, por exemplo: mencionar que vivemos numa realidade capitalista não traz um ideal anticapitalista para a pesquisa. Mas, nos damos por satisfeitas pelo o que a pesquisa se propõe.

<sup>3</sup> Classificação por relevância

<sup>4</sup> Classificação por relevância



Percebemos através dos resultados a falta não somente de trabalhos com uma visão amplificada sobre a realidade capitalista que nos cerca, como também, para nossa supressa, aferimos que a grande maioria dos trabalhos na área de Educação Física não se preocupa em definir a sua linha de pesquisa a forma de conceituar gênero, que retrata o que e como fazer a leitura sobre os fatos sociais analisados.

Dessa forma, através desse trabalho fazemos um alerta não só para que a visão anticapitalista seja base para os trabalhos de gênero, para buscar uma real igualdade entre as pessoas dentro de uma sociedade mais justa, como também clamamos por trabalhos que se embasem conceitualmente para evitarmos superficialidades em um assunto que demanda estruturas sólidas para retratar com responsabilidade o cenário discriminatório de gênero que há na Educação Física.

## REFLEXÕES

A sociedade atual reflete diversas desigualdades em sua estrutura e, como vimos, as relações de gênero possuem um papel importante na naturalização de desigualdades. Alertamos como uma visão anticapitalista deve nortear estudos da área para termos a real possibilidade de uma sociedade igualitária. Confirmamos que ainda há poucos trabalhos que trazem a temática sobre capitalismo nas suas pesquisas, o que nos mostra como a discussão ainda é insípida e que ainda deve haver tal olhar crítico das(os) investigadoras(es) nesse processo educacional.

Mas, para nossa surpresa, a falta de conceituação clara de diversos trabalhos se fez presente. A falta da demarcação da abordagem dada para a visão de gênero nos deixa preocupadas(os) por mostrar como o assunto pode estar sendo trabalhado sem a profundidade necessária, desconsiderando o caminhar histórico já trazido pelo campo. Alertamos que a preocupação com a lógica, coerência, autores(as) de determinadas linhas de estudos devem mostrar a seriedade de uma pesquisa. Análises que não se preocupam com essa maturidade acadêmica podem trazer distorções e avaliações equivocadas para o estudo e para os que se embasem no mesmo.

Assim, consideramos que mais pesquisas com a intencionalidade de analisar as correntes teóricas de gênero na área de Educação Física devem ser enaltecidos e, de forma a solidificar a pesquisa no campo com o viés de igualdade, somos de acordo com uma visão





CONBRACE  
CONICE 2021  
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e  
Ciências do Esporte  
no tempo presente:

Defender Vidas,  
Afirmar as Ciências

crítica de gênero para aumentarmos as condições da Educação Física fomentar a igualdade através de sua atuação social.

## CRITICAL GENDER PERSPECTIVE IN PHYSICAL EDUCATION

### ABSTRACT

*In this work, our main objective is to relate the critical perspective of gender with the research in the area of Physical Education. We used the methodology of bibliographic review. We conclude that many research in the area neglects the concept of gender and a limitation of the critical perspective. We suggest that the works should have a more defined conceptualization as we should also have a critical vision to expand the possibilities of breaking with the gender oppressions and the others.*

**KEYWORDS:** *School Physical; Gender; Critical Perspective.*

## PERSPECTIVA CRÍTICA DE GÉNERO EN EDUCACIÓN FÍSICA

### RESUMEN

*En este trabajo nuestro objetivo central es relacionar la perspectiva crítica de género con las investigaciones en el área de educación física. Utilizamos la metodología de revisión bibliográfica. Concluimos que muchas investigaciones en el área descuidan la conceptualización de género y una limitación de la perspectiva crítica. Sugerimos que los trabajos deben tener una conceptualización más definida como también debemos tener una visión crítica para ampliar las posibilidades de romper con las opresiones de género y las demás*

**PALABRAS CLAVES:** *Educación Física; Género; Perspectiva Crítica.*

### REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo.** Cortez Editora, 2015.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto.** São Paulo, 2019.

CISNE, Mirla. Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais. *Serviço Social & Sociedade*, n. 132, p. 211-230, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/kHzqt9vwyWmMyFd6hZjDmZK/?lang=pt> Acesso em: 14 jun 2021.





CONBRACE  
CONICE 2021  
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e  
Ciências do Esporte  
no tempo presente:

Defender Vidas,  
Afirmar as Ciências

CONNELL, Raewy; PEARSE, Rebeca. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo: nVersos, 2015.

BRITO, Leandro Teofilo de. Uma proposta pedagógica sobre gênero na Educação Física escolar: focalizando meninas e jovens mulheres nas atividades físicas e esportivas. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em: <http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2413/1344> Acesso em: 14 jun 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40. **Movimento**. Porto Alegre. Vol. 7, n. 13,(2000), p. 61-70., 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/11785/6983> Acesso em: 14 jun 2021.

WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo**: a renovação do materialismo histórico. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

